

Memórias do Futebol de Fábrica: Jogadores Operários e Operários Jogadores

Zuleika Stefânia Sabino Roque

o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador, é ele que seleciona as pessoas, que contribui para a moldagem do testemunho e que dá ao testemunho sua forma e contextos finais (PORTELLI, 1997, p. 37).



Jogadores Operários e Operários Jogadores

O futebol é, sem dúvida, uma possibilidade de compreensão dos processos sociais. Este trabalho esforçou-se para apresentar uma nova chave para a leitura sobre a história da cidade de SJC, partindo-se do futebol como prática social, que sempre permeou o ambiente de trabalho, em especial as fábricas.

Verificou-se que foi estreita a relação futebol-fábrica em SJC. Desde a segunda década do século XX, já havia as fábricas e seus times, e já aconteciam campeonatos promovidos pela AESJ. No momento da fundação da Liga Municipal de futebol, na década de 50, dos sete times fundadores, quatro deles eram times de fábrica.

Ao optar pelo estudo do “futebol de fábrica”, descobriram-se os Jogos das Indústrias, competição duradoura, de cerca de um quarto de século (1974-2002). Através dos Jogos das Indústrias foi possível trazer à tona as especificidades vividas na cidade de SJC, no momento da instituição da Política Nacional de Educação Física e Desportos e o Plano Nacional de Educação Física e Desportos- PNED (1975), que, na verdade, fora um desdobramento das leis relacionadas ao esporte da Era Vargas.

Os registros oficiais sobre essas competições encontram-se no almoxarifado da Secretaria de Esportes, em condições de preservação bastante preocupantes. Os documentos iconográficos, troféus e jornais dos clubes de fábricas as Associações Desportivas Classistas, também se encontram dispersos. Na medida em que os funcionários dos clubes se aposentaram, parte do acervo foi levada com eles ou o que foi deixado para trás - por falta de espaço na visão de alguns, ou falta de significação na visão de outros, foi descartado.

Houve, portanto a necessidade de se chegar até as pessoas envolvidas com o futebol de fábrica. O caminho até elas foi indicado por funcionários da Secretaria de Esportes, que acompanham o futebol varzeano e amador há vários anos. Coordenadores de ADC's da Embraer, J&J e da GM, também deram suas contribuições, narrando suas experiências nos Jogos das Indústrias ou indicando operários tivessem participado dos Jogos.

Ao lado da imprensa e dos boletins da competição, as narrativas dos trabalhadores permitiram diferentes ângulos de abordagem sobre o viver, o morar e o jogar bola em times de fábrica. Trata-se da história da cidade feita e transformada por gente comum. Tal construção esquivou-se da concepção de patrimônio como política instituída que, na maioria das vezes, não leva em conta as dimensões afetivas e culturais.

Os estudos sobre futebol geralmente contemplam mais a história de times ou de torcedores. Ao falar em futebol de fábrica, essas temáticas também transparecem: todos os entrevistados possuem estreita ligação com times, dos quais são torcedores aficionados. Do mesmo modo, as copas do mundo são um tempo na vida de cada um deles, que, ao narrarem suas experiências, mencionam as copas como balizas cronológicas pessoais, momentos de chegada e de partida em uma determinada cidade ou de mudança de emprego, de casamento e do nascimento de um filho.

Definir um critério sobre quem seria “escalado” para o time de narradores dos Jogos das Indústrias, consistiu em árdua tarefa para esta pesquisa. Não houve a preocupação em selecionar jogadores de uma ou de outra fábrica em especial. Primeiramente a preocupação foi a de identificar aqueles operários que quisessem falar de sua experiência no futebol de fábrica e, a partir da sua narrativa, tecer uma teia de significações com as narrativas de outros operários.

A memória é um campo de tensões. Lembrar e esquecer são ações políticas, que envolvem decisões de grupos hegemônicos. Desvincular-se do passado sanatorial e reforçar a identidade industrial de SJC foi um empreendimento que envolveu vários grupos sociais, que utilizaram inclusive o esporte para promover uma imagem saudável da cidade.

A partir da constituição do parque industrial joseense, uma apologia à vocação industrial da cidade ganhou força, encontrando nos festejos do bi-centenário (1967) condições para o estabelecimento de novos símbolos, como a engrenagem dourada representando suas indústrias, como se elas produzissem sem a força de trabalho. SJC tornou-se uma cidade industrial que não se reconhece operária. Na memória pública, aos trabalhadores o lugar reservado não é ao sol.

Os operários praticantes do futebol de fábrica auxiliaram na compreensão de tensões, algumas relacionadas ao jogo de futebol e outras relacionadas ao ambiente fabril e à condição do operariado joseense, bem como suas perspectivas ao se instalarem na cidade. As pessoas que chegaram a SJC na segunda metade do século XX, no contexto do fluxo migratório e da industrialização da cidade, tinham perspectivas de trabalho que foram em parte contempladas, como disse Pastel “*eles resolveram tentar a vida aqui, porque o serviço laçava as pessoas pra trabalhar*” e reforçou Alcides: “*Naquela época, mandava embora, no outro dia você entrava em outra, hoje não é assim. Era diferente, com um ano, dois anos o cara pegava um carrinho e ia visitar os parentes de carro*”.

Durante as entrevistas, ficou evidente que havia duas categorias de praticantes do futebol de fábrica: o operário-jogador e o jogador-operário. Basicamente ambos compartilhavam os campos as e quadras representando times de fábrica. A diferença principal entre eles era a experiência anterior às fábricas como atletas profissionais. Portanto, jogar contra ex-profissionais era para o operário-jogador um privilégio e ganhar deles em campo era uma vitória especial, que lhes conferia nível técnico diferenciado. “*Nós tiramos a GM na semifinal e todo esse timão dela, sabe?*” (Antônio Bosco).

A forma de a indústria lidar com os esportes sofreu alterações ao longo dos anos de existência dos Jogos das Indústrias. No auge dos Jogos, nos anos 80, praticar alguma modalidade esportiva era considerado item favorável no currículo do operário, um valor agregado ao seu trabalho, como lembra Sr Alfredo: “*Nós tivemos atletas que vieram atrás*

de um time com condições técnicas, vieram para produção, precisava mesmo contratar, então o atleta era mão-de-obra”.

Na década de 90, mudanças de ordem econômica no país e no mundo reorganizaram a produção das fábricas e a forma de promover a prática esportiva entre os funcionários. Tais mudanças refletiram-se também na gestão dos esportes junto às fábricas, como afirmou Tércio, da GM: *“Não houve mais interesse por parte das indústrias; eu acho que é pela produtividade. É difícil tirar alguém (para jogar), antigamente a fábrica tinha uma folga. Hoje não, está estrangulado! Eu vejo aqui pela nossa fábrica, colocar pneu, encher pneu, etc.”.*

Atualmente o trabalhador de fábrica conta com uma infraestrutura no clube para que, nas horas vagas, ele frequente tal espaço, sem a manutenção de equipes de várias modalidades esportivas para fins de competição externa.

O futebol de fábrica não é tão somente sinônimo de lazer e de tempo livre, é também o espaço do trânsito; trata-se da continuidade do trabalho. Com os Jogos das Indústrias, o trabalho material e o imaterial dos operários foram apropriados pela fábrica.

Ser operário em SJC não se trata de uma experiência homogênea. Havia rivalidade entre funcionários das fábricas, *“os caras que trabalhavam na GM, olhavam assim (pro uniforme) e falava: ‘aí que porcaria!’ Montavam mesmo! Não tinha como. Desde aquela época até agora pouco tempo, era assim, depois veio a Embraer, os caras nem tiravam o crachá, era gozado isso aí”.*(Alcides Takamatsu).

Ao analisar o histórico dos Jogos das Indústrias, onde a hegemonia da Embraer/GM é tão evidente, entende-se o peso que uma vitória no futebol ou em qualquer outra modalidade, sobre uma dessas equipes, sobretudo, representava reconhecimento, nas palavras de Alcides: *“o goleiro da Embraer pediu pra eles pararem a jogada pra me cumprimentar, aí nós nos encontramos no meio do campo, fui reconhecido. Isso foi em 75. Isso não dá pra gente esquecer!”*

O esporte não só foi usado pelo Estado, como pelas empresas e também pelos trabalhadores, que, em seu cotidiano, viram no futebol várias possibilidades, como por exemplo, de aquisição de prestígio e de melhores condições de trabalho. Alcides Takamatsu obteve vantagens, na época do serviço militar, tendo condições de profissionalizar-se como jogador, ao mesmo tempo em que servia o Exército e ainda

gozava de privilégios em relação à dispensa de alguns exercícios no quartel. Edson Mug utilizou-se de sua experiência no futebol profissional para saciar a curiosidade dos colegas de fábrica; na prática de um intenso exercício de igualdade, conseguiu ocupar posições melhores na linha de montagem dos carros na GM.

Explicações sobre abrir mão do sonho de profissionalizar-se no futebol, ter de trabalhar em fábrica e abraçar, “por tabela”, ao futebol de fábrica, envolveram necessidades financeiras e familiares.

Imprimir ritmo profissional aos treinos nas ADC's não era visto pelos jogadores com estranheza ou como exploração e sacrifício, ao contrário, muitas vezes, era prova de que eles eram de fato competentes no que faziam, equiparando-se a jogadores profissionais.

Jogadores profissionais transformavam-se em operários, devido à falta de opção de trabalho e, sobretudo à desvalorização que sofriam: *“aí veio na minha cabeça, a minha família, eu não sou profissional mais”* (Mug). *“É que você não é valorizado. Você sai de um time que tem elenco bom e vai jogar em times que tem elenco mediano, é mais difícil ganhar um jogo, conseguir resultado, não é que você tá velho, o time é um conjunto”* (Passarinho).

A questão da idade relacionada à desvalorização do trabalhador, tanto no futebol como na fábrica, foi recorrente na fala dos entrevistados: *“olham pra você, você é muito importante enquanto você tá servindo ela, você tá com saúde, tá trabalhando com chuva, sol, sereno, de madrugada. No momento que você ficou doente, afastado, você não serve mais. Você ficou velho, já aposentou, também já não serve mais”* (Bosco)

Para o jogador do futebol de fábrica havia limites que somente os iguais souberam entender. A política de treinamento excessivo e de características próximas aos padrões profissionais teve de ser repensada pelas ADC's, porque, na prática, eram os trabalhadores que decidiam sobre o tipo de treino que deveria ser feito, como por exemplo, no caso da Johnson, na época em que o treinador e o preparador físico eram ex-profissionais que não trabalhavam na fábrica, só no clube. *“Não adianta gente! Os caras são trabalhador, trabalha o dia inteiro. Não deu certo, foram embora!”* (Bosco)

A História Oral, por seu caráter dialógico, permitiu o “bate bola”, em um terreno cuja linguagem comum à entrevistadora e aos entrevistados possibilitou trocas e revelou

uma espiral de interpretações sobre o mundo do trabalho. Identificou os sujeitos históricos, independentemente de eles estarem ou não engajados em movimentos organizados. Notou-se a forma como eles travam suas lutas cotidianas, movidas por necessidades pessoais, que conferem à atuação de cada um, ao mesmo tempo, exclusividade e universalidade.

Na fala desses trabalhadores não se evidencia só o jogo de futebol, mas o da vida e se enfatizam as vitórias e os empates. As vitórias podem ser traduzidas em medalhas e troféus, que cada um desses homens guarda e também em conquistas pessoais, como por exemplo, a casa própria, o veículo, o estudo dos filhos e a renda da aposentadoria.

Os empates são resultados de placares, cujos gols foram frutos de impedimento não dado pelo juiz, trata-se de situações em que o trabalhador reconhece a sua importância no processo e não há recíproca. *“Quando eu entrei, tinha duas (máquinas), hoje tem 50, eu ajudei a crescer aquilo lá. Não só eu, todo mundo trabalhou, mas pelo menos eu fui um grãozinho de areia naquilo ali.”* (Antônio Bosco)

No campo da memória dos trabalhadores, há vitórias e empates, que são ignorados pela fábrica. Nem a prática do futebol, nem o trabalho na fábrica são reconhecidos como eles gostariam que fossem. Na visão dos trabalhadores, seu passado como operário ou dentro das quatro linhas, em um jogo pelo time da fábrica são descartáveis. *“(Você) é um número! Então o pessoal não quer saber do seu passado lá dentro, sabe?”* (Bosco).

Por isso, sentem-se na obrigação de guardarem registros que testemunham suas participações no futebol de fábrica, nas palavras de Alfredo: *“Eu sou sentimentalista, eu guardo bem, então eu queria mostrar uma caixa (...) isto aqui estava na minha gaveta”* ou nas de Bosco: *“Tiramos foto e tal, eu guardei na gaveta por muitos e muitos anos, uma relíquia, a foto tudo. Sumiram com tudo, nunca mais achei na minha gaveta!”*. Na fábrica, não há espaço para guardar esse material que lhes é tão precioso. A casa é o lugar eleito como sendo seguro para guardar esses registros.

Na insistente luta pessoal pela preservação desse passado esportivo, que para o operário-jogador ou para o jogador-operário não é pretérito, vão literalmente até o sótão, colam os cacos, lustram troféus e percebem o esvaziamento da sua prática de futebol de fábrica na ausência e no silêncio.

Toda a fala de “nós” como empresa, do sentimento de pertencimento de quem, por décadas, trabalhou e jogou na fábrica e pela fábrica, desloca-se para o “eu” *“Tenho o jornalzinho, o Johnson Clube não tem mais. Esse aí é um negócio particular mesmo, guardei sem pretensão, olha pra você ver”* (Antônio Bosco). Ou, como disse Alfredo diante também de sua caixa de guardados: *“Ela (empresa) colocou (na capa) o primeiro Bandeirante; e, o primeiro Bandeirante só falava de futebol! Pra você ver, não tem história, não tem mais nada no jornalzinho!”*.

Para Bosco, guardar o jornalzinho é também guardar sua atuação como coordenador do time “Agulhas” da J&J, e para Alfredo, as fotos e jornais misturam-se à sua história familiar, já que os filhos, assim como ele, sempre estiveram envolvidos com o futebol e esse foi o principal motivo de seu engajamento na fundação da escolinha de futebol da Embraer. *“casei, nasceram meus filhos e nós fundamos a Escolinha da ADC Embraer. Meu filho com sete anos de idade tinha aula no time da ADC, eles jogaram a vida inteira, foram campeões pela Embraer”*.

A participação no futebol de fábrica não é marcada só por vitórias e conquistas materializadas em troféus e medalhas. As tensões sempre estiveram presentes. Ao narrarem, consideram sua atuação como técnicos, coordenadores e jogadores como sendo voluntária. Ao pontuarem conflitos, deixam transparecer revolta, indignação *“o próprio pessoal nosso vai contra a gente”* (Bosco). A lembrança das despesas e o tempo empregado nas atividades futebolísticas vêm à tona e, para justificar a permanência deles nessas atividades, recorrem à paixão pelo futebol.

O gosto pelo esporte, para alguns deles, exige participação efetiva no campo, com resultados, na busca pelo gol, sendo as atividades burocráticas, como por exemplo, de conselheiro no clube, consideradas experiências pouco ou nada significativas: *“eu fui por dois anos, mas é coisa formal, não fazia diferença”* (Bosco). Já para outros, é exatamente fora das quatro linhas que se valoriza e se reconhece a atuação no futebol de fábrica: *“Eu participo de todas as diretorias daqui, nunca quis e nunca vou querer estar à frente. Eu sou um cortador de cana aqui, não sou engenheiro”* (Alfredo Gonçalves)

O futebol, para esses homens, não só faz parte do seu passado e do seu presente, está em movimento contínuo. Alfredo, por exemplo, vê nos filhos a possibilidade de realizar um sonho pessoal que é o de fazer o centro esportivo infantil da Embraer. Mediante a chegada da sua aposentadoria, vê também seu envolvimento na APVE como

meio de permanecer vinculado ao esporte. Reconhece que sua experiência na área poderá constituir se em nova fonte de renda: *“Quem sabe eu consiga ganhar dinheiro, quando eu não puder mais ser voluntariado. Porque eu vou ter que ganhar a vida, eu vou precisar fazer alguma coisa”* (Alfredo Gonçalves). O jogador-operário Walter Passarinho, aposentado pela Eaton, expõe o entrave diante do sonho de voltar a jogar futebol: o desgaste no osso do fêmur. Segundo ele: *“hoje tem até a opção de ganhar um dinheiro com isso, porque tem o veterano do Corinthians que eles fazem quatro ou cinco jogos por mês e tem uma cota”* (Passarinho).

Mug, hoje treinador de goleiros de uma escolinha de futebol, compara sua trajetória de goleiro à do Marcos (hoje também aposentado). Segundo ele, as oportunidades de trabalho para os aposentados no futebol são maiores que as que ele teve. Tal comparação justifica sua permanência na fábrica por mais dez anos. Assim que ele se aposentou, procurou no futebol fonte adicional de renda, desvinculada da fábrica.

A vida na fábrica foi também um jogo, um espaço de luta contínua para esses trabalhadores. Ao desempenharem a dupla função de trabalhador e de atleta, viram-se obrigados a vencer diariamente um estigma, o do mau trabalhador.

Paradoxalmente, muitos desses trabalhadores ingressaram na fábrica também pelo seu potencial esportivo, que a ela interessava, para as competições externas que promovia. Mas, no cotidiano da fábrica, ser jogador e operário era uma combinação que exigia muitos dribles: *“Muitos deles não agüentaram ou ficou aquela mancha de que não gosta de trabalhar, ficava marcado, depois do jogo ia tomava lanche e não voltava eu tinha medo disso, eu tinha 41 anos eu ia arrumar emprego onde? Eu tinha uma força dentro de mim, unir o útil ao agradável”*.(Edson Mug)

As tensões e o medo permearam o universo de trabalho desses operários- boleiros, que desenvolviam estratégias de jogo na fábrica, como no caso da irônica homenagem que Mug fez ao seu supervisor, entregando-lhe uma medalha: *“Foi legal, fomos campeões, foi legal trouxe pro senhor aqui que é gente boa demais. Só queria que ele pensasse que eu tava ali pra trabalhar, que eu era sério, a vida é assim”*.

Na prática do futebol, os trabalhadores construíram e atribuíram significados às suas experiências e à sua identidade. O futebol praticado pelo operário-jogador e pelo jogador-operário não pode ser rotulado como objeto de alienação, tratou-se de um literal

jogo de interesses entre operários e patrões. Como disse Alcides: “*Você não pode deixar fazer o que querem com você, é um profissional*” (Alcides Takamatsu).

No exercício de rememorar o futebol de fábrica, o cotidiano fabril e o futebol dos trabalhadores são narrados como sequencia de vitórias, tão significativas quanto as do selecionado brasileiro. “*Na TV mostrou campeões de 70 que andavam passando fome...*” (Alcides Takamatsu)

O presente trabalho abriu uma pequena fresta sobre a São José dos Campos industrial e sobre o cotidiano dos trabalhadores que tiveram e têm em comum a prática do futebol “de fábrica”. Ainda há muito que ser explorado nas narrativas do operário-jogador e do jogador-operário.

Muitas temáticas se abriram, a partir dos Jogos das Indústrias, tais como: a participação da mulher operária nas competições internas e externas às fábricas, a participação da mulher esposa do jogador-operário e do operário-jogador, que também convivia com o futebol de fábrica como torcedora, enfermeira improvisada e mãe-torcedora. A mulher frequentou os clubes em festas promovidas pela fábrica e em ocasiões informais, como churrascos e confraternizações.

A participação das crianças em competições esportivas também merece estudos mais pontuais, capazes de revelar inclusive como essas políticas esportivas refletiram-se em suas vidas de adulto e, se hoje, em suas experiências de trabalho, a fábrica é ou não um ponto comum, como na história dos seus pais, visto que a economia da cidade de São José dos Campos hoje não está mais baseada na atividade industrial.

A Prefeitura Municipal de São José dos Campos, a partir do ano de 1994, estabeleceu parcerias e patrocínios para manter os Jogos das Indústrias em seu calendário de eventos esportivos. A cada ano, o esvaziamento do seu parque industrial e a mudança na produção das fábricas para assegurar lucro, qualidade total e resultados favoráveis, desvincularam a prática do esporte, sobretudo do coletivo, do ambiente fabril. Some-se a isto a nova legislação sobre esportes (Lei Zico 1993 e Pelé 1998) que descentralizou a política de esportes, conferiu autonomia aos municípios e foi omissa em relação ao esporte classista. Em função dessa somatória de fatores, a última edição dos Jogos das Indústrias em seu formato clássico aconteceu em 2000 e nos anos de 2001 e 2002, a tentativa de manter uma competição que envolvesse industriários e trabalhadores também

do setor de comércio de SJC, a parceria com o SESI se mostrou ineficaz e acabou se desfazendo.

Diante do término dos Jogos das Indústrias, os trabalhadores de times de fábrica hoje mantêm a prática do futebol com os companheiros de trabalho, nas modalidades futsal e futebol *society*; a primeira, praticada nas instalações das ADC's ou clubes de fábrica, e a segunda, geralmente praticada no pós-expediente, uma vez por semana, em quadras pagas por hora, com valores rateados entre eles.

O futebol de campo dos times de fábrica tem se tornado menos frequente e tem sido encabeçado por jogadores da época dos Jogos das Indústrias. Deixaram de existir as categorias “principal” e “veterano”, uma vez que eles ultrapassaram a idade. Em épocas de competições externas, como as do SESI, um time é montado às pressas e nem sempre se mantém em atividade, por problemas de escala de horário na fábrica ou por motivos pessoais, pois inscrever-se em competições significa assumir compromissos por finais de semana seguidos.

A pesquisa testemunhou que o operário-jogador da época dos Jogos das Indústrias migrou sua atividade para times de bairro ou permaneceu vinculado aos clubes das fábricas. No campeonato varzeano de 2010, dentre as equipes “máster”, estavam inscritos a ADC Embraer e o Johnson Clube.

Esses jogadores, na condição de aposentados, por vínculos de amizade e pelas condições que julgam oportunas para a prática do esporte: campo, uniformes, materiais esportivos e pagamento de inscrições em campeonatos, vêm-se obrigados a formar times mistos, com jogadores que não são funcionários da fábrica. Há inúmeros jogadores convidados que circulam em vários times, motivados pela qualidade técnica do grupo, ou seja, a busca de resultados e, sobretudo pelo terceiro tempo, momento em que o carteadado, o churrasco e a cerveja somam-se ao jogo de bola.

O jogador-operário, na vida pós-fábrica e aposentadoria, continua trabalhando com o futebol, mas de maneira diversa: treinando crianças em escolinhas de futebol, auxiliando em comissões técnicas de times de bairro, de igreja e também infiltrados, em atividades burocráticas da Secretaria de Esportes e Lazer.

Há muito jogo pela frente, o trabalho exige, portanto, prorrogação. Até aqui, esta pesquisa procurou apresentar a prática do futebol de fábrica como uma nova chave para

a leitura da cidade de São José dos Campos, na época em que seu parque industrial era grande e que a política nacional de esportes exigia, por parte da fábrica e do município, programas que envolvessem a classe trabalhadora.

Com base nos diálogos com o operário-jogador e o jogador-operário, as experiências dos trabalhadores e a gama de significados que eles atribuíram à prática do futebol de fábrica permitiram a escrita de um texto em que seus vários “co-autores” rememoram “lances” do futebol, da cidade e do trabalho em São José dos Campos.

ENTREVISTADOS

Alfredo Gonçalves

Alcides Takamatsu

Antônio Bosco

Edison Pereira de Souza (MUG)

José Luiz dos Santos (Pantera)

Valdemir Alves dos Santos (Pastel)

Walter Roberto Cosenza (Valter Passarinho)

BIBLIOGRAFIA

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R.; KHOURY, Y. A. Introdução. In: MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (orgs) Outras Histórias: memórias e Linguagens. São Paulo: Olho d' Água, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. Projeto História, 10. SP: EDUC Dezembro, 1993

FENELON, D. R.; CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. Introdução In: FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. Muitas Memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2005.

FRAGA, E. K. C. e ROQUE, Z. S. S. Memórias de jogadores operários de São José dos Campos. In: COSTA, Sandra Maria Fonseca da. (org). São José dos Campos: de Aldeia a Cidade. Coleção História de São José dos Campos, vol.V, 2010

GRUPO MEMÓRIA POPULAR, Memória Popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro (et all). Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d'Água: 2005

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história 22-43 In: MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (orgs) Outras Histórias: memórias e Linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MANHÃES, Eduardo Dias. Política de Esportes no Brasil. 2.a edição revista e ampliada. Graal, RJ Paz e Terra, 2002

PASSERINI, Luisa. Memória y Utopia, La primacia de la intersubjetividad, España: Universidad de Valencia, 2006.

_____. Mitobiografia em História Oral. Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, SP: EDUC, n.10 dezembro de 1993

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como experimento em igualdade. Projeto História, n.14, 1997 “Cultura e Representação”.

_____. “O que faz a História Oral diferente” n.14, 1997 “Cultura e Representação”.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões obre a ética em História Oral. Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, SP: EDUC, n.15 abril de 1997, Ética e História Oral.

_____. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais; Tempo, Revista do Departamento de História UFF, RJ, v.1, n.,2, 1996

_____. “Sonhos Ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores” In:

Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, SP: EDUC, n.10 dezembro de 1993.